



## **O ARTESANATO COMO FERRAMENTA DE FEMINISMOS E RESISTÊNCIA NO QUILOMBO *VÓ ELVIRA***

Erlene Pereira Barbosa<sup>1</sup>  
Nivia Celo Barragan Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta a atividade coletiva das mulheres quilombolas da comunidade Vó Elvira, que gera renda para as mulheres do território, consistindo nas observações realizadas em campo pelas autoras. A iniciativa faz parte do Projeto de Oficinas de Economia Solidária e Confecção de Artesanatos Afro-brasileiros, desenvolvido em parceria entre a liderança da comunidade e o Instituto Federal de Educação Sul-Rio-grandense – IFSul. O projeto não só é uma forma de as mulheres conseguirem independência financeira, mas também de resgatar a cultura de seus ancestrais. As oficinas fortalecem a troca de experiências entre as mulheres, a socialização e os interesses da coletividade. Através do artesanato, essas mulheres são estimuladas a ressignificar o seu papel na sociedade, a se sentirem importantes e necessárias no grupo. Ali, encontram também incentivo a voltar a estudar e a buscar outras oportunidades que antes não se viam capazes de executar.

**Palavras-chave:** Quilombo Vó Elvira; oficinas de artesanato; mulheres quilombolas.

## **LA ARTESANÍA COMO HERRAMIENTA DEL FEMINISMO Y LA RESISTENCIA EN EL QUILOMBO *VÓ ELVIRA***

**RESUMEN:** El presente trabajo presenta la actividad colectiva de las mujeres quilombolas de la comunidad Vó Elvira, que genera ingresos para las mujeres del territorio, y se basa en las observaciones realizadas sobre el terreno por las autoras. La iniciativa forma parte del Proyecto de Talleres de Economía Solidaria y Confeción de Artesanías Afro-brasileñas, desarrollado en colaboración entre los líderes de la comunidad y el Instituto Federal de Educación Sul-Riograndense (IFSul). El proyecto no solo es una forma de que ellas alcancen la independencia financiera, sino también una forma de rescatar la cultura de sus antepasados. Los talleres fortalecen el intercambio de experiencias entre las mujeres, la socialización y los intereses de la colectividad. A través de la artesanía, se anima a estas mujeres a redefinir su papel en la sociedad, a sentirse importantes y necesarias en un grupo. Allí también encuentran incentivos para volver a estudiar y buscar otras oportunidades que antes no se veían capaces de llevar a cabo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em educação, no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, erlene2013@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação, no programa de pós-graduação em educação (PPGE), na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, niviabarragan17@gmail.com.

**Palabras clave:** Quilombo Vó Elvira; talleres de artesanía; mujeres quilombolas.

## **CRAFTSMANSHIP AS A TOOL FOR FEMINISM AND RESISTANCE IN THE QUILOMBO VÓ ELVIRA**

**ABSTRACT:** This paper presents the collective activity of the quilombola women of the Vó Elvira community, which generates income for the women of the territory, based on observations made in the field by the authors. The initiative is part of the Solidarity Economy and Afro-Brazilian Handicrafts Workshop Project, developed in partnership between community leaders and the Federal Institute of Education of Rio Grande do Sul (IFSul). The project not only helps them achieve financial independence, but also serves as a way to revive the culture of their ancestors. The workshops strengthen the exchange of experiences among women, socialization, and the interests of the community. Through handicrafts, these women are encouraged to redefine their role in society, to feel important and necessary in a group. There, they also find encouragement to return to school and seek other opportunities that they previously did not feel capable of pursuing.

**Keywords:** Quilombo Vó Elvira; handicraft workshops; quilombola women.

### **Introdução**

A sociedade brasileira funciona diferente para homens e mulheres, especialmente para as mulheres negras e indígenas. Estas são atravessadas pela escravização que aconteceu nesse país e pelas diversas ausências do poder público. A ausência de políticas sociais acaba por reforçar uma série de prejuízos que estão diretamente atrelados a esse período histórico. Nesse sentido, é necessário “falar sobre questões tais como gênero, etnia/raça e classe social, que dificilmente podem ser dissociados, porque são demarcadores para se entender contextos” (Nunes, 2019, p. 142).

Apesar das discussões e questionamentos sobre o que é ser mulher e/ou seu papel social, ainda temos muito a problematizar, a tensionar. De acordo com Celentani (2019), o papel das mulheres, mesmo na sociedade moderna, ainda está muito orientado à reprodução. A mulher deve permanecer “alheia” a questões que envolvem sua própria realidade e cotidiano, bem como da sua importância. Isso nos levou a refletir sobre o cotidiano das mulheres quilombolas e como elas se veem dentro de seu território. Para isso, vamos trazer a educação popular para esse diálogo. Acreditando que a educação popular tem sido ferramenta essencial para alcançar as coletividades populares, pois “é um campo fértil para o resgate de saberes, vivências e concepções teórica-Epistemológicas de mulheres.” (Rosa, 2019, p. 96-97).

Diante do exposto, o que se pretende com esse trabalho é perceber a relação das mulheres com sua ancestralidade e quais as percepções sobre ser mulher e mais, ser mulher no Quilombo “Vó Elvira”. Esta Comunidade quilombola está situada na área rural de Monte Bonito, 9º Distrito de Pelotas/RS. Para isso, achamos ser pertinente apresentar como as oficinas de artesanato vêm fortalecendo a ancestralidade e a cultura de um coletivo de mulheres negras no Quilombo.

As atividades foram realizadas pelo Instituto Federal de Educação Sul-Rio-grandense – IFSul, Câmpus Visconde da Graça (CAVG), através do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). O NEABI tem como objetivo central promover estudos, pesquisas e ações de extensão que abordem questões étnico-raciais, com foco na valorização da cultura afro-brasileira e indígena, buscando contribuir com reflexões pertinentes sobre a sociedade e o meio ambiente. Nesse contexto, em que as comunidades quilombolas e as mulheres dessas comunidades vêm lutando para terem seus direitos reconhecidos, e para que a sociedade as veja como parte dela, o NEABI, por meio do Projeto de Oficinas de Economia Solidária e Confecção de Artesanatos Afro-brasileiros, atua na comunidade, trabalhando com as mulheres afrodescendentes, no sentido de enriquecer e enaltecer a cultura afro e sua ancestralidade.

Este trabalho foi realizado com as mulheres que compõem as referidas oficinas de artesanato. Nossa pesquisa englobou tanto as mulheres do quilombo, quanto as mulheres que conduziam as oficinas, a saber, a professora Aline Machado, orientadora do projeto e duas alunas do IFSul, que integram a equipe, enquanto bolsistas. Nossas visitas ao local foram realizadas entre os meses de abril e maio de 2025. A partir das interações, entrevistas e vídeos gravados com autorização e consentimento das participantes das oficinas, podemos conhecer um pouco da vida delas e da história da comunidade.

A coleta de dados aconteceu através de observação de campo no decorrer das visitas, em que observamos como as mulheres interagem durante as oficinas, suas expressões, valores e costumes dentro do contexto social o qual estão inseridas. Para além disso, é fundamental consolidar uma relação de respeito efetivo pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade pesquisada (Neto, 1994, p. 55). À medida que participávamos das oficinas, as mulheres nos faziam convites para que participássemos de outros eventos envolvendo seus trabalhos. O que nos leva a afirmar que é no processo deste trabalho que são criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como os compromissos firmados entre o investigador e

a população investigada, propiciando o retorno dos resultados alcançados para essa população e a visibilidade de futuras pesquisas (Neto, 1994, p. 56).

Identificamos as mulheres com o codinome “girassol” por entendermos que essa flor apresenta beleza ímpar, carregada de simbolismos positivos, além da sua busca constante pela luz solar e, na ausência desta, volta-se para si mesma. Assim, vemos as mulheres do quilombo, como símbolo de força e resistência.

### **Contextualizando a comunidade quilombola *Vó Elvira***

O nome do Quilombo Vó Elvira, bem como seu reconhecimento pela Fundação Palmares é recente, porém sua existência é anterior. De acordo com Buchweitz; Lessa; Rech; Coutinho (2010), o quilombo teve início com um casal chamado Marcolina e Ambrósio, que se estabeleceram no local, com o passar dos anos, seus descendentes foram deixando o território. Atualmente, a comunidade Quilombola Vó Elvira é constituída por mais de 20 famílias, numa área de cinco hectares. Considerando ter encontrado poucas informações sobre a história do território, achamos importante trazer à luz, o trabalho de dissertação de mestrado de Leandra Ribeiro Fonseca (2020), intitulada “Mulheres quilombolas: trajetórias de luta e identidades em construção”. A autora menciona que, ao longo dos anos, o Quilombo Vó Elvira foi se tornando um território ocupado por famílias advindas de locais próximos. As terras pertenciam ao poder público e estas famílias, que antes não tinham moradias próprias, viam naquele local, a oportunidade de construir suas residências. A exemplo disso, dona Elvira Lima Soares, a Vó Elvira, que nomeia a comunidade. Essa homenagem advém do fato de que ela era a matriarca de idade mais avançada na comunidade, no período em que o quilombo foi reconhecido pela Fundação Palmares.

De acordo com Fonseca (2020), dona Elvira, nascida em 1920, em Arroio do Padre, mulher negra e analfabeta, casou aos 16 anos. Ela passou a trabalhar em terras que não lhes pertenciam e com os agravos das condições análogas à escravidão, migrou para a área rural de Pelotas, em Monte Bonito, com seu esposo e filhos. Naquele local, passou a trabalhar em uma fábrica de conserva de frutas. A história de dona Elvira nos remete a refletir como a vida das mulheres negras está “atravesada por todas las determinantes sociales, de clase, condición física y emocional, raza, edad, sexualidad y escolaridad” (Celentani, 2019, p.79).

Lima (2018) menciona que o diferencial do Quilombo Vó Elvira em relação aos demais se deve ao fato de que seus moradores são remanescentes da escravidão. Ou seja, são filhos de pessoas ex-escravizadas, vindas de diferentes locais e ali, “se constituíram como sendo uma comunidade por laços mais afetivos que de resistência” (Lima, 2018, n.p.). No entanto, o que observamos foi que tanto a resistência quanto a afetividade têm o mesmo peso na comunidade.

Apesar da luta para manter sua história viva, “com o passar dos anos, a Comunidade Vó Elvira vem perdendo o contato com suas raízes e tradições. Algumas atividades que ainda permanecem são a prática de artesanato, tais como: cestarias, tricôs e crochês” (Buchweitz; Lessa; Rech; Coutinho, 2010, p.22).

Uma forma de resistir à perda das raízes e tradições são ações que as lideranças da Comunidade vêm realizando em parceria com o IFSul – CAVG, na tentativa de retomar a prática do artesanato através das oficinas no quilombo e fortalecer o trabalho feito por mulheres da comunidade, que trataremos adiante.

### **Oficinas de economia solidária e confecção de artesanatos afro-brasileiros no quilombo Vó Elvira**

As oficinas acontecem aos sábados, quinzenalmente. As mulheres se reúnem em uma das casas que compõem o quilombo e ali recebem a professora Aline Machado, formada em Design de moda e técnica em vestuário no IFSul (CAVG/NEABI), para mais uma tarde de aprendizados. Neste espaço, além da confecção de peças, são realizadas partilhas e debatidas técnicas de como deixar os produtos adequados para serem vendidos nas Feiras de Artesanato.

O espaço fica cheio de mulheres, que se servem dos materiais distribuídos pelos mesões, para a confecção de produtos para o trabalho manual. O IFSul fornece todo o material a ser utilizado nas oficinas. A professora repassa técnicas para a confecção dos produtos, desde onde comprar os materiais, bem como aplicativos que podem favorecer a compra desses produtos a baixo custo. Além disso, dá uma margem de preço para que esses produtos sejam comercializados, levando em consideração o trabalho manual aplicado pelas artesãs. Esse trabalho é muito importante para as mulheres da comunidade.

Ao conversar e observar o comportamento das mulheres durante as oficinas, se percebe que todas são mães, atuando como donas de casa, responsáveis pelo cuidado de familiares ou de outras pessoas. O trabalho das mulheres e seus esforços são invisibilizados e não

remunerados. O grupo não é só sobre produzir artesanato, é sobre compartilhar vivências e experiências. É também uma forma de socialização e descontração dentro do território. Para algumas mulheres, os encontros durante as oficinas são a única “forma de lazer”, pois estão sempre realizando funções com demandas no ambiente familiar, como aponta essa fala: *“Os encontros aconteciam todos os sábados, mas devido a correria com os afazeres de casa, a gente se reúne a cada quinze dias. Pra nós, é uma forma de descontração. Aqui, a gente conversa sobre tudo e ri também. Damos muitas risadas.”* (Girassol 02). Uma das entrevistadas também mencionou a habilidade das mulheres em realizar um artesanato em específico e o fato de elas, no grupo, passarem a ensinar o que sabem e a aprender técnicas que não dominavam: *“eu sou boa em fazer fuxico, tem outras que sabem crochê, tricô, costura, entendeu?”* (Girassol 04).

Ao término dos encontros, elas organizam a mesa para o lanche. Todas vão se servindo, enquanto conversam sobre assuntos diversos. Ficava difícil de entender o que conversavam, pois ecoavam diferentes vozes no local. Mulheres riam. Interrompiam umas as outras para fazer perguntas. Daquele espaço era possível ouvir as diferentes vozes, os diferentes olhares e diferentes mãos que se moviam, ora para se servir, ora para enfatizar o que falavam.

As mulheres também expressaram que os encontros nas oficinas eram uma forma de empoderamento e renda familiar, pois ali aprendiam a confeccionar artesanatos para serem vendidos. Como essas mulheres realizam atividades no lar e não têm salário, o artesanato pode trazer renda para elas. Ao término das oficinas, tiravam *selfies* com seus produtos e esbanjavam orgulho do que tinham confeccionado.

Foi possível perceber que a professora tinha uma contribuição importante no grupo. E isso não apenas por orientar as atividades e como desenvolvê-las, mas também pela forma como direcionava o grupo sem tolher a criatividade e permitindo que as mesmas fossem expressando ideias durante as oficinas. Durante o processo, as mulheres iam apresentando sugestões e alternativas, juntamente com a professora, testando contornos, cores, para dar um tom mais adequado a cada peça. As peças iam tomando formas diferentes, caracterizando uma peça única, pois a criatividade das artesãs ia surgindo no momento da confecção, sendo validadas pela professora. A exemplo disso temos algumas falas de diversas participantes:

*“Depois de finalizar, podemos fazer trança no cabelo da boneca, fica bem legal.”.*

*“O corte de cabelo mais curto e mais cheio, ficou bom!”.*

*“Tem que colocar uns brincos nela.”.*

*“Eu não uso brincos, porque ela vai usar?”.  
“Ficou linda, agora tu faz um cinto pra ela, que vai valorizar mais ainda.”.*

Diante das vozes que iam surgindo, ali era um lugar de educação popular, de saberes e vivências de um povo, de um território, pois “la creación colectiva de conocimientos es un modo de valorar los saberes acumulados por los pueblos en sus luchas, y de recuperarlos, no como punto de llegada sino como punto de partida.” (Korol, 2016, p.75).

Os encontros das oficinas também são momentos de incentivo para que as mulheres estudem. Essas mulheres se encontram em diferentes níveis de ensino. Então, são estimuladas a continuar de onde pararam. Mencionaram o fato de a Comunidade Quilombola ser organizada politicamente, demandando ao poder público e a outros espaços um outro olhar para a comunidade. Isso é um dos fatores que fortalece a entrada das mulheres quilombolas no ensino superior. O grupo procura convencer a coletividade de mulheres a participarem das seleções em instituições públicas de ensino superior e o sistema de cotas tem sido uma política pública essencial para essa finalidade, como se pode perceber, quando uma das mulheres afirma: *“a gente sempre incentiva as mulheres do Quilombo a estudar. Conhecimento é a única arma que a gente tem.”* (Girassol 01).

Dentro do grupo de mulheres, há aquelas que se disponibilizam para levar as peças de artesanato para a feira. Estas desempenham uma função significativa no fortalecimento do coletivo. Há um revezamento entre elas, porém algumas não desempenham esse papel por sentirem insegurança em lidar com o público fora da comunidade. Contudo, o objetivo é que elas também possam se sentir capazes de exercer tal função, o que vai ao encontro da seguinte fala: *“Algumas mulheres têm vergonha de falar com o público por não ter estudo. Elas estão acostumadas com o convívio dentro do território e acham que não vão conseguir saber falar.”* (Girassol 03).

Pela fala da entrevistada, se percebe que há alguns entraves na educação dessas mulheres, e isso reflete na forma como algumas delas se eximem de participar, em grande parte por insegurança em relação à sua linguagem e à forma de se comunicar.

### **Percepções das mulheres sobre as oficinas de artesanato**

É interessante mencionar como as mulheres percebem a importância do artesanato em suas vidas e como isso as mobiliza de alguma forma a se perceberem, enquanto sujeitas capazes de agir e transformar a própria realidade. Além das mulheres, participam das oficinas, as crianças e o líder comunitário. Este, idealizou o projeto, juntamente com a professora Aline Machado. Ao ser questionado sobre a importância das oficinas na comunidade expressou:

*“Não é só sobre renda, é questão de compartilhar. Uma das mulheres foi na feira hoje, levar o artesanato para ser vendido e as outras estão aqui, aprendendo a fazer o estojo. Depois, essas vão ensinar a que estava fora a fazer o estojo. Estar aqui, participando das oficinas é muito importante para romper com o preconceito de que homem não pode fazer artesanato. Mas, eu faço e trago meu guri. Isso vai incentivar a gurizada a vir participar também.”.*

É importante que o líder da comunidade assegure às mulheres a participação no projeto e busque também incentivar as crianças, inclusive os meninos, a também fazerem parte das oficinas. Seria interessante que futuramente, essas mulheres fossem adquirindo segurança em assumirem a responsabilidade política pelo grupo, como representantes do quilombo.

Durante as oficinas, o espaço se transforma em um local seguro e confiável para que essas mulheres conversem entre si, enquanto as mãos trabalham. Algumas conversam sobre artesanato, outras falam sobre suas questões familiares e compartilham de suas vivências cotidianas.

Quando perguntamos à professora Aline Machado como ela chegou até o Quilombo e qual a importância de seu trabalho, mencionou:

*“Trabalho no NEABI (IFSul-CAVG), esse grupo foi pensado para atender as comunidades Afro e indígenas. A ideia é levar a economia solidária para essas comunidades. Conversando com o Presidente da Comunidade Vó Elvira, descobrimos que as mulheres da comunidade tinham interesse que fôssemos até elas. Então, a proposta é trabalhar a ancestralidade através do artesanato. Todo o material utilizado é referente à cultura negra (tecidos, cores, brincos, bonecas, acessórios). É uma forma de resgatar as técnicas artesanais que remetem aos nossos ancestrais. (professora Aline Machado).*

Na fala da professora, podemos apreender que as oficinas de artesanato são também uma forma de resistência. Manter a cultura e as raízes de um povo vivo através do trabalho das mulheres. Essas mulheres são fundamentais na comunidade, no entanto, em suas falas sobre suas vivências e experiências, percebemos que existem alguns atravessamentos que precisam

ser considerados. Esses atravessamentos perpassam questões de classe, raça e gênero. E em suas falas, foi possível perceber como as mulheres negras, pobres e quilombolas se percebem na sociedade:

*“Pra mulher é mais difícil. Além de trabalhar, tem que cuidar da casa, dos filhos, estudos e sem falar que a gente é muito julgada pela sociedade. A sociedade impõe que a gente seja um modelo de mulher. Cada mulher é individual. O meu círculo familiar, a minha escolaridade. Eu sou mãe, sou acadêmica de enfermagem. Para mim, todos os dias, no final do dia eu agradeço porque é uma vitória. Às vezes não consigo me deslocar por conta do ônibus. Me desloco às 6h da manhã a pé até a parada de ônibus. Dentro do ônibus é outra sina. Tem muitos homens que acabam se aproveitando da lotação e se encostam na gente. É muito difícil ser mulher.” (Girassol 01).*

Nas palavras da entrevistada percebemos como é a rotina difícil das mulheres quilombolas. Aparecem muitas questões a serem discutidas, desde o trabalho doméstico que é invisibilizado até ser mulher numa sociedade machista e patriarcal. “O patriarcado alimentou uma construção hierárquica de poder que historicamente delegou às mulheres as atividades de cuidado.” (Eggert; Alves; Campagnaro, 2012, p.38).

A luta dessas mulheres para acessarem o meio acadêmico não tem sido fácil, embora o sistema de cotas, ainda que ineficiente, contribua para que isso seja possível. Outro ponto a ser discutido é a dificuldade que elas enfrentam para permanecerem nesses espaços.

*“Nessa última seleção da UFPel para Quilombolas, a gente conseguiu colocar três mulheres aqui, da comunidade. Essas mulheres vão trazer informação e conhecimento para a comunidade, e incentivar as outras também a querer estudar. Algumas mulheres estão sendo incentivadas a terminarem seus estudos, umas estão no fundamental, outras no médio e outras, na Faculdade. Uma das mulheres, que entraram esse ano pelas cotas passou para psicologia. Ela tem três crianças. O marido trabalha. É sempre a mulher que tem que abrir mão de alguma coisa.” (Girassol 01).*

A entrevistada mencionou que teme que a colega não consiga concluir o curso em prol das atribuições no âmbito familiar. Nesse sentido, as mulheres do Quilombo buscam também ajudar de alguma forma, visto que são sempre as mulheres que deixam suas realizações profissionais e acadêmicas de lado, e não seus parceiros. Seus parceiros não precisam abrir mão de oportunidades de emprego, nem de outras atividades. Assim, o papel social das mulheres é de estarem sempre disponíveis para a família, e as questões individuais ficam sempre em segundo plano.

## **Intersecções e experiências das autoras no quilombo *Vó Elvira***

As mulheres do Quilombo nos receberam bem e nos sentimos acolhidas e à vontade para fazer observações durante as oficinas. Percebemos muita reciprocidade entre as mulheres. Naquele espaço, elas conversavam sobre o cotidiano, pediam conselhos umas às outras e seguiam partilhando aprendizados e dificuldades. Todas ali eram muito próximas. Algumas, da mesma família.

Percebemos que as oficinas de artesanato são importantes para que as mulheres tenham uma renda, pois a maioria delas desempenha atividades no lar, além de ser uma forma de integração e socialização das mesmas. As vozes e as risadas ecoavam longe, enquanto as mãos e os olhos se movimentavam, dando sentido e cor a cada peça produzida.

A intenção do grupo era que todas as mulheres aprendessem a confeccionar as peças para serem vendidas em feiras de artesanato da cidade. O projeto é o reflexo da comunidade em ação e cuidados das mulheres pertencentes àquele espaço umas com as outras, que praticam o autocuidado.

Numa sala improvisada, os mesões colocados ao centro para facilitar o movimento de todas pelo espaço eram imponentes. Tecidos e aviamentos acessíveis. A organização dos materiais oportunizava às mulheres de irem manipulando os materiais e isso ia favorecendo a criatividade das (os) envolvidas (os). Adornos para a boneca de pano iam surgindo espontaneamente. A criatividade ia transformando as peças em algo único. Tanto as alunas quanto as professoras iam testando contornos, cores, para dar um tom mais adequado à sua peça. Por fim, percebe-se a dedicação da professora, que orientava as mulheres no grupo e individualmente. A cada passo do processo de criação, dava ideias e sugestões, explicando o material mais adequado a ser utilizado e o porquê. Com a sala repleta de barulhos e conversas, o trabalho ia acontecendo.

Ao final das oficinas, o lanche era servido. Elas continuavam ali, conversando, rindo e compartilhando experiências. É perceptível como não é só sobre fazer artesanatos, é sobre ser mulher e ter um espaço com outras mulheres. Um ambiente que proporcione a leveza para sorrir, dar ideias, receber ajuda. É sobre confortar e ser conforto no meio do caos cotidiano que elas enfrentam. Citamos o “caos” por ter ouvido dessas mulheres seus relatos do dia a dia cheio de afazeres: trabalho, rotina de estudos, maternidade e cuidados com seus familiares, além de

seus anseios para o futuro. Em meio a tudo isso, o grupo de artesanato é um espaço em que elas podem se distanciar de todas essas atribuições.

Percebemos que existe um forte entrosamento entre as mulheres: elas partilhavam suas vivências pessoais e profissionais. Na fala e comportamento delas, notava-se afeto e preocupação umas com as outras. E ali, iam se organizando emocionalmente e politicamente também, pois as oficinas davam espaço para pensar em outras ações que pudessem acolher e fortalecer o grupo. Naquele salão simples havia pertencimento, sonhos nutridos pela simplicidade de partilhar o cotidiano.

A escolha de visitação ao Quilombo Vó Elvira deu-se devido a algumas proximidades e distanciamentos das autoras com a comunidade. Uma das autoras escolheu o espaço pela amizade estreita com algumas famílias do local, além de ter contato com o artesanato desde a infância, pois é natural de São Luiz Gonzaga, cidade do interior do Rio Grande do Sul, que é rica em artesanatos confeccionados por grupos de mulheres. A força da cultura local perpassa pelo espaço, organizando grupos de famílias que se ajudam mutuamente nas plantações, principalmente de ervas medicinais e cuidados de uns com os outros. A referência territorial deste local é a cidade, como uma das “Missões Jesuíticas”. O local faz referência ao povo indígena Guarani, que, ainda nos dias de hoje, resiste e faz de sua cultura artesanal um meio de sobrevivência. A culinária e as especiarias são um ponto forte e se destacam na cidade. As oficinas de artesanato são gratuitas e realizadas no Centro Municipal de Cultura, com o objetivo de abranger um público interessado em gerar renda e desenvolver habilidades, que muitas vezes são passadas de mães para filhas. Já a outra autora vem de uma comunidade negra e rural localizada no interior do Ceará. Algumas vivências dos moradores do quilombo são parecidas com a vida dos sertanejos nordestinos: a dificuldade de transporte, a distância do centro da cidade, bem como outras dificuldades que os residentes da área rural sofrem com a ausência de equipamentos públicos, tais como saúde, educação, vias de acesso, etc.

A vida que as mulheres do Quilombo enfrentam tem similaridades com as mulheres do sertão, pois ambas desempenham funções do cuidado com a família e buscam ter autonomia financeira. Enquanto as mulheres da comunidade quilombola se organizam enquanto artesãs, as mulheres do sertão se organizavam em atividades manuais de produção da terra. Lá, elas trabalhavam diretamente na plantação e colheita de grãos, frutos e sementes. Além das atividades do lar, da responsabilidade pelos cuidados e educação das crianças, essas mulheres

também trabalhavam na lavoura com seus respectivos companheiros. Quanto ao artesanato, geralmente, costuravam em casa para vestir os membros da família.

Um dos agravos no cotidiano dessas mulheres se dava pela questão das preocupações frequentes com as secas. O acesso à água tensionava ainda mais suas atribuições no cotidiano, pois cabia a elas a busca de água em cacimbas, às vezes a longas e árduas distâncias. Assim, como as mulheres do quilombo, havia a preocupação em servir, outros cuidados consigo mesmas ficavam em segundo plano. E o questionamento sobre quem cuida das mulheres que desempenham atividades do cuidado no lar nunca fez tanto sentido.

Tanto no sertão nordestino como no quilombo, o acesso às vias é complicado: em terra batida, nos períodos chuvosos, formavam-se muitos buracos, tornando o percurso mais lento no deslocamento. Isso acaba prejudicando a população que trabalha no centro da cidade ou estuda fora do território

No quilombo, há uma empresa de ônibus que tem horários fixos. Aos finais de semana, esses horários são reduzidos, o que significa que os moradores precisam se atentar a isso para não perder a condução. No sertão nordestino, as mulheres se locomovem em carros de feira, mais conhecidos como paus de arara. Os paus de arara são bem desconfortáveis, especialmente para as mulheres que são idosas, grávidas ou que têm crianças de colo.

No sertão cearense, as mulheres se ajudavam de diferentes formas, desde a atividade de benzedura, das parteiras que ficavam à disposição das mulheres grávidas, bem como aquelas que se disponibilizavam para ajudar no puerpério. Era uma forma que elas encontravam para amenizar uma realidade tão difícil. O que também é perceptível quando as mulheres do quilombo encorajam umas às outras a estudarem, as mulheres também se ajudam e se empenham no fortalecimento coletivo.

## **Conclusão**

Ser mulher no Brasil envolve muitas problemáticas, e ser mulher quilombola, ainda mais. Iniciativas como estas são importantes na medida em que possibilita o empoderamento dessas mulheres para enfrentar as diversas desigualdades a que estão expostas. Entendendo a educação enquanto ferramenta para a realização do completo potencial das mulheres, é preciso discutir o acesso e a permanência das mulheres de comunidades quilombolas na educação em todos os níveis de ensino.

As oficinas de artesanato na Comunidade Vó Elvira são carregadas de significados para que essas mulheres se percebam sujeitas de uma história, pertencentes a um território. Embora a sociedade lhes imponha determinados papéis sociais, ao se colocarem como indivíduos pensantes e capazes de traçarem novos caminhos, passam a ocupar diversos espaços, que antes não lhes era permitido.

Nesse sentido, as práticas de educação popular, ao incorporar as perspectivas feministas, têm demonstrado como contribuem com emancipação e transformação social das mulheres, além de fortalecer e promover a luta pela igualdade de gênero.

## Referências

BUCHWEITZ, Susanne; LESSA, Daniela; RECH, Carla; COUTINHO, Ledeci. *Revelando os quilombos no Sul*. Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2010. Disponível em [https://capa.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Revelando\\_os\\_Quilombos\\_no\\_Sul.pdf](https://capa.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Revelando_os_Quilombos_no_Sul.pdf).

Acessado em 22/07/2025.

CELENTANI, Francesca Gargallo. *Pedagogias populares feministas latino-americanas: legados feministas para a educação popular*. In: SILVA, Marcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da (Orgs). *Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, p. 74-93.

NETO, Otavio Cruz. *O trabalho de campo como descoberta e criação*. DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza(org). In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* Petrópolis, RJ:Vozes, 1994.

EGGERT, Edla; ALVES, Márcia; CAMPAGNARO, Sara. *O amor tudo crê, tudo suporta?: conversas (in)docentes* [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: EDUNICS, 2021. Disponível em <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3254>. Acessado em 26/07/2025.

FONSECA, Leandra Ribeiro. *Mulheres quilombolas: trajetórias de luta e identidades em construção*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Cultural, Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas, p. 237.2020.

KOROL, Claudia. *Feminismos populares: pedagogías y políticas*. In: KOROL, Claudia; CASTRO, Gloria Cristina. (Orgs). *Feminismos populares: pedagogías y políticas*. Colombia: ed. La Fogata/America Libre, 2016, p.71-87.

LIMA, Joice. *Terra é poder*. Pelotas: site Old Pelotas, 03/04/2018. Disponível em <https://old.pelotas.com.br/noticia/terra-e-poder-traz-pesquisa-realizada-no-quilombo-vo-elvira>. Acessado em 27/07/2025.

NUNES, Georgina Helena Lima. *Pedagogias populares feministas latino-americanas: legados feministas para a educação popular*. In: SILVA, Marcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da (Orgs). *Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, p. 139-158.

ROSA, Graziela Rinaldi. *Pedagogias populares feministas latino-americanas: legados feministas para a educação popular*. In: SILVA, Marcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da (Orgs). *Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, p. 94-117.